

Espaços mentais, leitura e produção de resumos¹

Mayra Barbosa Guedes²

Resumo

Estudo sobre a influência das estratégias de leitura, desenvolvidas num curso de Francês Instrumental, na produção de resumos a partir de um texto em português.

1. Introdução

Esta pesquisa nasceu da prática de cursos que enfocam a habilidade da leitura em língua estrangeira (LE), como é o caso de Francês Instrumental. A eficácia desse tipo de curso é percebida numa melhora geral da leitura dos que aplicam as estratégias desenvolvidas no curso. Procurou-se portanto verificar se essa percepção subjetiva podia ser comprovada à luz de uma investigação objetiva, calcada em sistematizações teóricas, e empiricamente controlada.

2. Pressupostos teóricos

As explicações clássicas achavam que a compreensão estava em se associar as palavras individuais a seus respectivos referentes. No entanto, além de não haver essa correspondência direta com o mundo, a comunicação lingüística não costuma envolver palavras isoladas e sim sentenças e textos. O sentido da sentença não é equivalente à soma do sentido das palavras que a compõem, nem tampouco o sentido do texto deriva da soma do sentido de suas sentenças. A inferência pode ser considerada a maior contribuição

1 O presente artigo é baseado na dissertação de Mestrado em Letras-Lingüística, UFJF, julho de 1999.

2 Departamento de Letras Estrangeiras Modernas - ICHL - Universidade Federal de Juiz de Fora.

cognitiva do leitor. Sem perceber, o leitor está inferindo, isto é, adequando representações mentais.

Estes esquemas cognitivos ativados possibilitam atribuir sentido àquele pensamento ordenado em forma de texto. Tanto a estrutura aparente do texto como os seus brancos possuem o mesmo *status* de representação semântica, passando a constituir proposições carregadas do sentido construído pelos processos cognitivos do leitor. Como é que essas ausências vão imprimir alguma compreensão na mente do leitor? Deve haver um conhecimento que é compartilhado entre os interlocutores, algo que não precisa ser dito.

As estruturas que organizam todo o conhecimento prévio do leitor estão contidas na memória de longo prazo e podem ser chamadas por vários nomes: *frames*, *scripts*, cenários, planos, esquemas, modelos mentais, modelos cognitivos idealizados (MCI). Apesar delas conterem diferenças, todas são essencialmente estruturas cognitivas de “expectativa” que levam os indivíduos a organizar seus conhecimentos. Essas estruturas, representativas e gerais, disponibilizam variáveis (lacunas informacionais) que serão preenchidas segundo as densas experiências particulares. Os Modelos Cognitivos Idealizados vão estruturar os espaços mentais descritos por Fauconnier.

2.1. A teoria dos espaços mentais

De acordo com a visão cognitivista, a linguagem, contrariando a expectativa geral, não é um reflexo da realidade. Não falamos daquilo que é “verdadeiro” mas daquilo que pensamos sê-lo, assim como o desejamos. Podemos falar sobre o que não é, sobre o que poderia ter sido, sobre o que pretendíamos que fosse, e muito mais. Espaço e tempo virtualizam-se e estão no papel, tal qual estão na nossa mente, reexistindo depois, seguramente de outra forma, no processo de interpretação do leitor.

Segundo Fauconnier (1988, p. 62),

A linguagem não está ligada diretamente com o mundo real ou metafísico; no meio ocorre um extenso processo de construção mental, que não reproduz nem as situações-alvo do mundo real nem as expressões lingüísticas responsáveis por organizá-lo. Esse nível intermediário pode ser chamado cognitivo; ele é distinto do conteúdo objetivo e da estrutura lingüística. A construção se faz quando a língua é usada e é determinada por formas lingüísticas que constróem um discurso, e por uma série de pistas extra-lingüísticas que incluem informações dadas, esquema acessível, manifestações pragmáticas, expectativas, etc.

Sendo assim,

as expressões lingüísticas não têm significado próprio, elas não carregam alguma coisa parecida com conteúdo proposicional. Elas podem ser vistas como instruções que carregam certos tipos de construção mental.

Ou, como podemos ver em Fauconnier (1994, p. xxii), “A Linguagem, tal como a usamos é apenas a ponta do iceberg da construção cognitiva(...) Linguagem não carrega significado, ela o guia”.

Portanto o texto ou a fala são pistas lingüísticas que levam o leitor ou o ouvinte a construir sua compreensão alicerçada na atividade mental cognitiva denominada, mais genericamente, pensamento.

2.1.1. A linguagem como guia

No intuito de ilustrar a constatação de que nem tudo está na forma lingüística, apresentamos o seguinte exemplo de Fauconnier (1994, p. 14), “O contexto é de uma babá emitindo a seguinte sentença para a criança de quem ela cuida: *Se eu fosse seu pai, eu te bateria*”.

São no mínimo três as interpretações possíveis para essa sentença, dependendo das informações extra-lingüísticas ativadas:

1. O PAI É SEVERO

A babá está dizendo que ela não vai bater na criança, mas que o pai, na mesma situação, teria batido no filho.

2. O PAI É PERMISSIVO

Trata-se de uma crítica ao pai. A babá acha que, naquela situação, o pai deveria bater no filho, embora saiba que não irá fazê-lo por ser permissivo.

3. ALUSÃO AO PAPEL DE PAI

Teoricamente, é preciso ter autoridade do papel de pai para tomar uma atitude na situação em questão; no caso, bater no filho.

2.1.2. Construtores de espaços

Existe, portanto, outro nível no qual buscamos o significado, além do nível da expressão lingüística.

E este é o nível cognitivo C, intermediário. A construção apresentada acima envolve domínios interconectados — “espaços mentais”. A noção de Espaço Mental, elemento essencial na teoria dos espaços mentais desenvolvida por Gilles Fauconnier desde 1979 e, atualmente, expandida pelo trabalho de muitos outros cognitivistas, tais como Lakoff (1987), entre outros, pode ser assim apresentada:

Espaços mentais são concebidos como modelos parciais ou locais de aspectos do conteúdo mental; são diferentes de mundos

possíveis, na medida em que não são de natureza objetiva, não são necessariamente passíveis de descrição em termos de condições de verdade e não são globais (Fauconnier, 1994, p. xxiii). Espaços mentais são domínios epistêmicos, processualmente evocáveis e incompletamente especificados, onde se realiza a operação referencial. (Salomão, 1996, p. 27)

Para sermos lançados a outras realidades (outra época, outro lugar...), são necessárias certas expressões. Esses construtores de espaço (*“space builders”*) costumam ser sintagmas preposicionais (Em 1997, Na rua...), advérbios (realmente...), certos verbos (*“acredita”, “pensa”*...), construções condicionais, tal como no exemplo da sessão anterior (Se...).

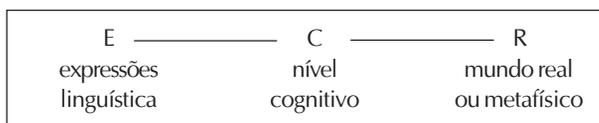
Vários são os operadores cognitivos: tempo, modo, *space builders*, anáforas, etc.

Expressões lingüísticas vão tipicamente estabelecer novos espaços, elementos dentro deles, e relações entre os elementos. Eu os chamo de space-builders, expressões que podem estabelecer um novo espaço ou referir-se de volta a um espaço já previamente introduzido no discurso. (Fauconnier, 1994, p. 17).

Ao sermos jogados nesses espaços, mentalmente ativamos todas as informações que possuímos a respeito dessa realidade virtual. Recorremos aos esquemas arquivados em nossa memória e selecionamos todas as informações relevantes.

Espaços são montados (ao nível C) por várias construções gramaticais — adverbiais (talvez, de fato, é possível, por outro lado...), frases preposicionais (na verdade, na mente de John, neste filme, deste ponto de vista, por esse lado...), complexos sujeito-verbo (G. acredita, P. desenha, é como...), conjunções (se, ou, quando...), e outras; elas são designadas enquanto “construtoras de espaço” (“space builders”*). Há várias formas de montar elementos dentro dos espaços, geralmente pelos significados de uma expressão nominal; por exemplo uma expressão indefinida “um gato” é tipicamente interpretada como uma instrução para criar um novo elemento em algum espaço, e atribuir-lhe a propriedade assinalada pelo substantivo (*“gato”*). (Fauconnier, 1988,34)*

Para a abordagem cognitiva, a linguagem é a manifestação superficial das construções cognitivas mais altas e mais abstratas. As formas lingüísticas são instruções para a construção de domínios interconectados com estrutura interna, conforme diagrama a seguir:



A expressão de linguagem E não possui um significado nela mesma; ela tem, melhor dizendo, um significado potencial. A abordagem cognitiva enfoca a interação entre gramática e estrutura conceptual: em particular, a relação sistemática entre espaços mentais e sintaxe-semântica. Dentro da semântica cognitivista, os espaços mentais desempenham muitos dos papéis que mundos possíveis desempenham na semântica objetivista. Eles são modelos parciais, contêm entidades mentais, revelam explicitamente as condições de satisfação da sentença e se interrelacionam. Mas eles são cognitivos em natureza, não são interpretáveis como metafísica objetivista. Os Espaços Mentais fornecem o aparato necessário para um teoria mais precisa de um modelo cognitivista, sem as limitações da filosofia objetivista.

2.1.3. Princípio de acesso

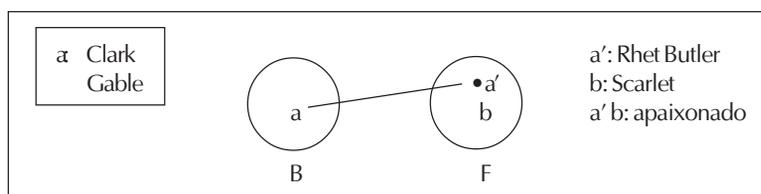
Os espaços mentais são estruturados internamente por frames e modelos cognitivos e são externamente ligados por conectores, que relacionam elementos além dos espaços.

Espaços são ligados, ou podem ser ligados, uns aos outros por “conectores”. Um conector estabelece relações de contraparte: ele mapeia um elemento de um espaço para um ou mais elementos de outro. Um simples caso de conexão é o elo entre atores (indivíduos do mundo real) e o papel que eles têm no filme. Quando falamos dessas situações, nós montamos dois domínios (no mínimo), um corresponde à “realidade” (tal como a aprendemos cognitivamente), e outro corresponde ao filme (também como o aprendemos cognitivamente).

Um elemento em um espaço pode ter 0, 1 ou mais contrapartes no outro — um ator pode desempenhar vários papéis. É por isso que, por exemplo, no filme “E o vento levou...”, o evento pode ser contado por meio de (1) ou (2):

- (1) Em “E o vento levou”, Rhett Butler fica apaixonado por Scarlett.
- (2) Em “E o vento levou”, Clark Gable fica apaixonado por Scarlett.

Em (2), a contraparte do nome de Rhett Butler (o ator Clark Gable) é usado para identificar o papel no filme.



A distinção de papel/valor não é fixa: o mesmo elemento pode ser um papel com relação a um terceiro. Podemos dizer: “Nos Estados Unidos, o chefe de estado é o presidente e Nos Estados Unidos o presidente é Clinton. O presidente é um valor para o papel o chefe de estado e um papel para o valor Clinton”. (Fauconnier, 1994, p. xiv) O mesmo indivíduo pode ter portanto vários papéis: presidente, _a’abB FConectores têm a função de ligar contrapartes nos espaços mentais, mas eles trabalham também em outros processos, tais como metonímia generalizada, ou correspondências de papel-valor.

Uma propriedade importante de conectores é expressa pelo princípio seguinte:

PRINCÍPIO DE IDENTIFICAÇÃO: Se os elementos **a** ou **b** estão ligados por um conector **F**, a contraparte **b** pode ser identificada por uma descrição ou nome satisfeito por **a**.

Assim, os espaços mentais são construídos por expressões lingüísticas ligadas por conexões que cruzam domínios conceptuais para especificar contrapartes ou estruturas projetadas de um espaço para outro.

2.1.4. Mesclagem

Existe um processo de criação de espaço que parte de outros espaços, mesclando seus elementos e formando um novo espaço resultante dessa mesclagem. Os espaços originais funcionariam como “*inputs*”, emprestando parte de sua estrutura para esse novo espaço emergente. Embora, ele herde algumas estruturas, o *blending* possui estrutura interna própria.

Para mesclar-se dois espaços é preciso satisfazer as seguintes condições:

1. Mapeamento inter-domínios: Há um mapeamento parcial das contrapartes entre os espaços-*input* I1 e I2.
2. Espaço genérico: Há um espaço genérico que reflete estrutura e organização comum, geralmente mais abstrata, compartilhada pelos *inputs*.
3. Mescla: I1 e I2 são parcialmente projetados em um quarto espaço — a mescla.
4. Estrutura emergente: a mescla tem estrutura emergente fornecida pelos *inputs*; as projeções dos *inputs* estabelecem novas relações disponíveis que não existem nos espaços separados.

Ferrari (1999) apresenta um exemplo do processo cognitivo de mesclagem retirado do Jornal do Brasil quando da exposição do artista plástico Fernando BOTERO no Rio de Janeiro:

Se ganhassem vida, eles já teriam entrado num spa há muito tempo. Mas, nos quadros, desenhos e esculturas do colombiano Fernando Botero, ser gordo é fundamental. (Jornal do Brasil, Caderno B, 7/7/98)

A pesquisadora tece os seguintes comentários:

O significado da construção condicional contrafactual envolve a mesclagem de dois espaços: o espaço pictórico (1) no qual existem figuras

gordas e o espaço “real” (2), em que há pessoas gordas, magras, etc. Pelo Princípio de Acesso, é possível conectar pessoas gordas no espaço real às figuras gordas no espaço pictórico. Com base em um espaço genérico que reflete a estrutura comum compartilhada por esses dois espaços (SER HUMANO), estabelece-se o espaço mesclado (3): as figuras de Botero adquirem vida (portanto, nem são simples representações, nem pessoas “reais”) e entram num spa (elemento importado do espaço 2).

Ao estabelecer a mesclagem dos espaços em questão, a construção condicional informa não apenas que as figuras de Botero representam pessoas gordas, mas também ser gordo contraria o Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) vigente, no que se refere a padrões estéticos relativos à forma física dos seres humanos. (Ferrari, 1999/2001, p. 15)

3. Metodologia

O objetivo deste trabalho é verificar a compreensão de um texto escrito em português — língua materna (LM), através dos resumos produzidos após a leitura desse mesmo texto por dois grupos de alunos de francês. Um grupo recebeu treinamento no uso de estratégias de leitura num curso de Francês Instrumental (Grupo Experimental); o outro (Grupo de Controle) aprendia francês sem se deter em uma habilidade específica. O número de leitores investigados foi de 20 estudantes: 10 para o GE; 10 para o GC.

3.1. Estratégias de leitura

As principais estratégias treinadas no curso de Francês Instrumental foram:

- A. Antecipação do assunto
- B. Uso do conhecimento prévio
- C. *Skimming*
- D. *Scanning*
- E. Estratégias a nível lexical:
 - Reconhecimento dos cognatos
 - Decodificação do significado pelo contexto ou por decomposição morfológica
 - “Chute” ou salto sobre item desconhecido
- F. Tradução e uso do dicionário
- G. Geração de inferência (Inferenciação)
- H. Identificação da macroestrutura

3.2. O texto

Quanto ao texto, a escolha recaiu num texto tratando de um tema familiar: uma reflexão sobre a importância da casa na vida dos homens.

A CASA

Na rua, na função, o homem espalha a sua própria substância, gasta-se no que é, aflige-se em sua unidade, sofre em sua liberdade; em casa, todas as funções sociais, as maiores e as menores, ficam no capacho da entrada, e o homem que chega, que toma posse de seus domínios, é um homem inteiro e livre. Em casa, ele recupera, com o chinelo, a personalidade e o nome de batismo. E ele precisa de todas essas coisas para elaborar o fermento da amizade capaz de levedar uma cidade verdadeiramente humana.

E aí está, completo, o ciclo dos dias e das noites, o ritmo em dois tempos, que é a dança da vida e do amor, e que é também o ritmo dos peregrinos. A casa é portanto o lugar onde o homem se torna o que é. A casa é portanto uma clausura para aumento de liberdade e reconquista da unidade.

Cada um de nós, de um modo geral, está sujeito a se tornar um espetáculo para o mundo. Essa situação, disputada avidamente por uns, evitada angustiosamente por outros, é inseparável da vida.

Ora, a casa é o lugar em que o homem deixa de ser espetáculo do mundo, descansando a pele crestada pelas pupilas de fogo. É um anfiteatro virado pelo avesso, onde o sujeito deixa de ser palhaço municipal. Nela se esconde, para ver sem ser visto, um ente fabuloso: o Homem Invisível.

Deve, por isso, ter paredes; e paredes opacas. Poderá dispensar o teto, como na estranha cidade do Peru onde nunca chove; mas as paredes, não. Sejam de pedra, como na casa de Mauriac; de madeira como no Paraná; de gelo, como nos pólos; de papel ou bambu, como no Japão; sejam mesmo os panos flutuantes das tendas nômades do deserto, abrigando os amores ferozes dos califas; mas sejam paredes. Couraça, véu ou ganga, a casa veste pesadamente, como abraço de mãe, a nudez do samurai e do esquimó. Despido de suas paredes, o Homem Invisível perde subitamente a força de seu encanto, e vira o pobre rei de anedota, que estava nu, orgulhosamente nu, e que tomava a surriada do mundo como estrepitosos sinais de sua glorificação.

Ora, a casa, mais uma vez, se relaciona com todos esses fenômenos que passam despercebidos à maioria dos arquitetos e filósofos. É o lugar certo de se esconder. É um pique. É também um regaço. É ainda a cela murada para a santificação. O abrigo do nu, como extensão de uma veste.

Concluo pois, enfaticamente, que a casa é um ponto de honra e que, mais do que qualquer outra coisa, serve para aquilatar uma civilização.

A cidade que não tenha casas para todos os seus habitantes ou não tenha meios de transportes para facilitar a volta; ou cujos habitantes se espalham pelas ruas porque não amam suas casas, ou não voltam porque não querem voltar; ou não se revoltam somente porque não sabem, ou não querem saber, que estão diminuídos, frustrados, ofendidos; ou ainda por cima se alegram

por não poderem voltar para casa, e logo que voltam e engolem um sanduíche reviravoltam para a rua, porque não têm como ficar em casa, não sabem ficar em casa, não sabem o que é casa, não sabem mais o que são eles mesmos — essa cidade não é uma cidade de homens livres; é um ajuntamento de escravos.

Gustavo Corção. *Três alqueires e uma vaca*
6ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1961

3.3. Objetivos e hipóteses gerais e específicos

Os objetivos e as hipóteses que nortearam a pesquisa foram os seguintes:

I. OBJETIVOS

A. Objetivos gerais

1. Representar o significado textual global através da configuração dinâmica de espaços mentais ativados por construtores lingüísticos específicos;
2. Estabelecer relações entre resumo e significado textual global com base na noção de Preservação de Espaços Mentais.

B. Objetivos específicos

3. Verificar a contribuição das estratégias de leitura treinadas durante o curso de Francês Instrumental na compreensão textual em LM.
4. Contrastar resumos de textos em LM elaborados por alunos treinados em Francês Instrumental com resumos de alunos sem esse treinamento específico.

II. HIPÓTESES

A. Hipóteses gerais

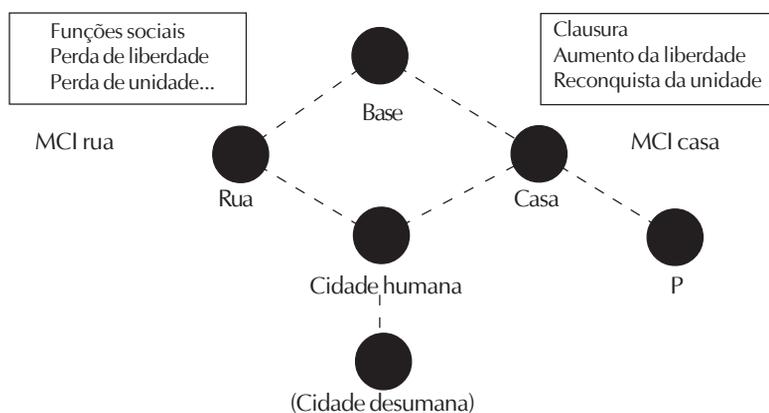
1. O significado global de um texto acha-se refletido esquematicamente na configuração dinâmica de espaços mentais criados por pistas lingüísticas específicas.
2. Resumos que preservam o significado textual global mantêm a quantidade e a natureza dos EMs criados, embora operem a redução de conteúdos intra-espaciais.

B. Hipóteses específicas

3. As estratégias de leitura em LE contribuem para o rastreamento da configuração dinâmica de EMs ativados pelo texto (tanto em LE quanto em LM).
4. Resumos de um texto em LM elaborados por alunos de Francês Instrumental preservam o significado textual global com maior frequência do que resumos elaborados por alunos sem esse treinamento específico.

4. Análise dos dados e resultados

Se fôssemos representar esquematicamente o texto, ele seria assim:



O primeiro Espaço Mental é o Espaço de Base de onde saíram dois novos espaços. O ponto de partida representa o “aqui” e “agora” do escritor e do leitor. A construção do discurso se faz a partir de uma representação inicial que se tem dos elementos que comporão os novos espaços criados pelo texto. Tais espaços herdaram estrutura de dois MCIs específicos — o da rua e o da casa.

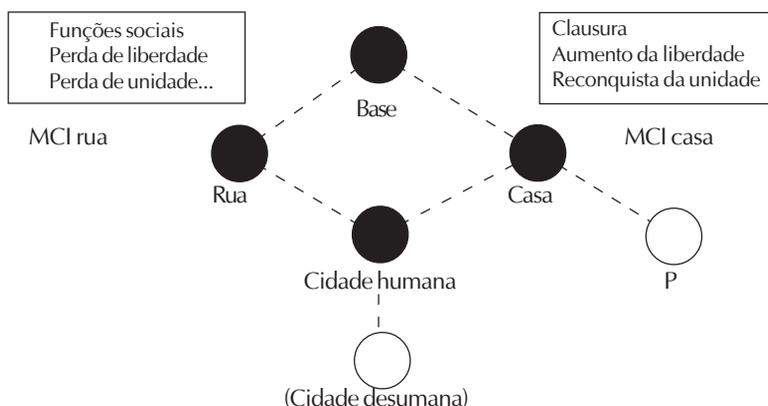
Na verdade, após a criação dos outros espaços, o espaço de base passa a ser o pano de fundo, para focalizar os novos espaços. Esses dois espaços por sua vez deixam de ser figura para ser fundo quando, pela sua mesclagem (pela mesclagem de seus elementos) formam o espaço Cidade. Esse espaço final associa características estritamente da Rua com elementos mais humanos que provêm do domínio da Casa. Nessa mesclagem predominam as características boas da casa resultando numa Cidade humanizada.

Objetivando reforçar as vantagens dessa Cidade contendo os aspectos humanos da Casa, o autor usa o recurso da desanalogia, criando o “negativo” da cidade, aquilo que a cidade poderia ser se... o homem não conseguir valorizar o espaço da Casa; é um espaço hipotético. O texto de Corção encerra-se com pistas lingüísticas que conduzem a esse espaço hipotético, onde o homem não é livre, onde ele é escravo. Seria o domínio da Cidade desumanizada. Mas esse espaço, como já dissemos, cria-se em função do espaço de mesclagem, enquanto reforço deste. Sendo sua criação um recurso argumentativo de Corção, ele portanto não precisa necessariamente estar presente nos resumos, já que o espaço relevante é a mescla “CIDADE HUMANA”.

Outro espaço que não precisa necessariamente aparecer nos resumos é um espaço subordinado à Casa. É o espaço P, que caracteriza uma das partes da Casa: a parede. Toda casa deve ter paredes, independente do material.

As paredes é que possibilitam à casa fornecer tantos benefícios aos homens. Entretanto, a criação desse espaço se dá tomando o espaço CASA como ponto de vista, detalhando possibilidades. Nesse sentido, torna-se secundário em relação à estrutura essencial do texto.

Se reduzíssemos portanto a representação espacial do texto à sua estrutura mínima, poderíamos obter o seguinte esquema:



4.1. Os resumos

Após análise dos 20 resumos, encontramos as seguintes configurações em cada grupo³:

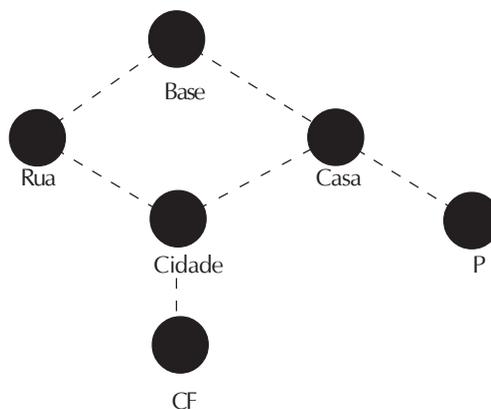
	Espaços Mentais	Total
Grupo de Controle	1. B / C / R	-
	2. B / C / R	-
	3. B / C / R	-
	4. B / C / R / P	-
	5. B / C / R / H	-
	6. B / C / R / H	-
	7. B / C / R / P	-
	8. B / C / R	-
	9. B / C / R	-
	10. B / C / P / H	-
		Nenhum estudante criou os espaços mentais mais relevantes

3 Legendamos os espaços da seguinte forma: Espaço Base (B); Espaços Casa (C); Espaço Rua (R); Espaço Cidade (M); Espaço P (P) e Espaço Contrafactual (CF). Adotamos o sinal positivo (+) para designar o resumo que conteve os espaços fundamentais: Base, Rua, Casa e Cidade.

Espaços Mentais		Total
Grupo Experimental	1. B / C / R / P / H	-
	2. B / C	-
	3. B / C / R / M / P	+
	4. B / C / R / P / H	-
	5. B / C / R / M	+
	6. B / C	-
	7. B / C / R / M / P / H	+
	8. B / C / R / M / P / H	+
	9. B / C / R / M / P / H	+
	10. B / C / R / M	+
		06 Estudantes criaram os espaços mentais mais relevantes

Faremos a seguir uma demonstração de alguns resumos mais representativos, ou por terem recuperado os espaços mais relevantes, ou por terem deixado alguns espaços relevantes de lado, não se orientando satisfatoriamente através das pistas lingüísticas presentes no texto original. Mostraremos, de forma sublinhada as expressões que possivelmente construíram os espaços nos resumos.

Três estudantes do GE recuperaram todos os espaços mais relevantes: Casa, Rua, Cidade, P e Hipotético. Márcia foi uma delas.



No trabalho ou na rua o homem sofre em sua liberdade, em seu domínio e ao chegar em casa ele os recupera e afirma sua personalidade, ou seja, ele se torna aquilo que é.

Todos estão sujeitos a se tornarem um espetáculo do mundo, situação essa inseparável da vida, mas é na casa que essa situação se inverte. A casa é como um esconderijo da gente e, por isso, deve ter paredes, de qualquer tipo, mas deve ter paredes para abrigar o nu, guardar os segredos. Mesmo

que algumas pessoas não valorizem suas casas por um motivo qualquer, é necessário que a cidade possa oferecer casas a todos ou facilitarem o caminho da volta porque senão ela não será uma cidade de homens livres, apenas um ajuntamento de escravos.

Por sua vez, Adriana julgou necessário retomar apenas os espaços fundamentais — casa, rua e cidade (sociedade).

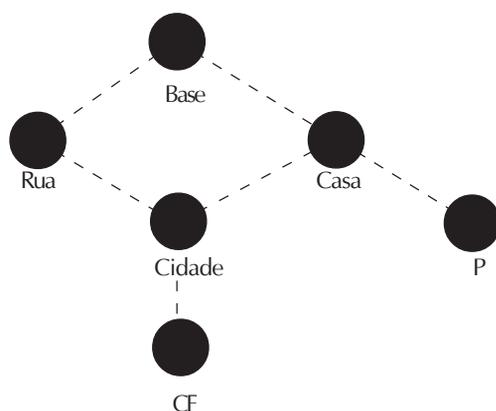
O homem ao pisar em casa ele volta a ter um domínio, uma liberdade que era barrada na rua. Em seu lar, ele pode voltar a ser o que ele é.

O homem descansa o corpo e a mente cansados depois de um dia longo, dia de trabalho. Ele se esconde do mundo exterior mas pode observá-lo.

Não importa de que material a casa é constituída; ele sempre volta a ser ele mesmo, ele perde o encanto que possui no mundo externo.

A casa é um ponto de honra que serve, acima de tudo, para organizar uma sociedade.

É importante ter uma casa para poder se tornar livre e para poder realmente se conhecer.



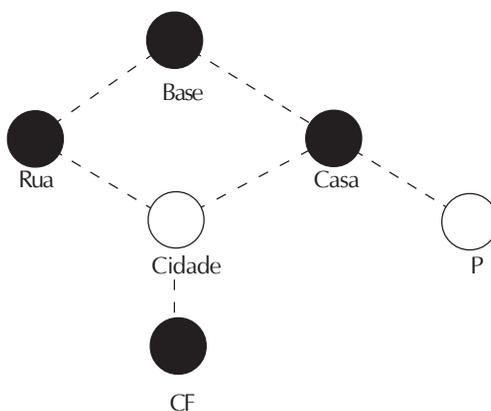
Esses foram resumos que mantiveram a estrutura mínima do texto.

Agora passaremos aos resumos daqueles estudantes que não souberam se guiar pelas pistas textuais a fim de retirar do texto original os seus espaços mais relevantes.

Quatro estudantes do GC recuperaram apenas os espaços casa e rua, não preservando o espaços da mescla. Cristiane ateve-se ao papel que a casa tem para o homem.

A casa é o local onde o homem, se sentindo à vontade, é capaz de se reestruturar enquanto pessoa humana das pressões e restrições sofridas no seu dia a dia de trabalho ou estudo. Por isso, ela se torna essencial para o resgate da civilização. Como fora de casa os homens são “espetáculos para o mundo”, não necessariamente representando o que são na intimidade, a casa é o local onde se pode recuperar o homem real.

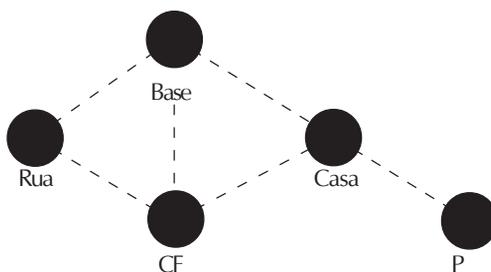
Enfim, a casa, enquanto ponto de abrigo e reflexão, tem de existir, pois, ao contrário, os homens perdem sua caracterização individual, sua personalidade.



Alguns estudantes criaram espaços hipotéticos mas não com relação ao espaço cidade. Eles simplesmente inferiram um novo espaço de uma forma que não estava no texto original, saindo portanto do espaço Base do estudante. Carla foi um desses estudantes “criativos”.

Quando o homem está na rua, na função, ele perde a sua unidade, o seu “eu” interior; o homem se transforma num fingidor. Em casa, ele recupera o seu mais profundo ser. A casa é o seu porto, o seu espetáculo; lá, ele é rei e palhaço-do-rei. Porém, para que esta liberdade se faça presente é preciso que a casa tenha paredes: como um forte; não tem teto, mas grandes muralhas.

Enfim, o homem só deixa de ser escravo se tiver a sua casa. A casa é o coração do homem livre. Assim, **se fizéssemos da nossa cidade a nossa casa**, viveríamos num ambiente verdadeiramente humano.



Por fim, alguns sujeitos concentraram-se tanto em seus próprios esquemas que esqueceram-se de recriar vários dos espaços que estavam no texto a

partir do qual eles fariam os seus resumos. Luiz (GE) fez um resumo colocando-se explicitamente distante do autor e contribuindo com inferências, tais como: “transformar a casa no templo mais sagrado, “máscara social” e “semi-Deus”.

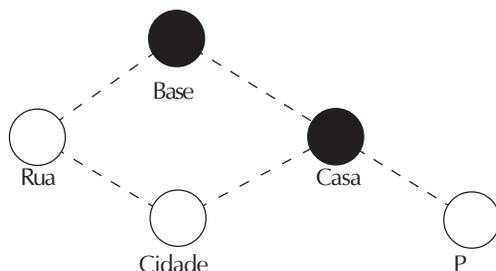
Consegue o autor transformar a casa no templo mais sagrado para o homem.

Não importa como seja construída, importa tão-somente que exista.

Nela, deixa “(...) o homem de ser o palhaço municipal (...)”, alcançando toda a sua humanidade.

Encontra-se nas quatro paredes o homem consigo mesmo, posto que uma vez lá estando, põe abaixo toda a máscara social, revelando-se em sua intimidade, não temendo o mundo.

Em casa, o homem transmuta-se num semi-Deus.



Como já dissemos todos os indivíduos dos dois grupos retomaram o espaço CASA em seus resumos. Quanto ao espaço da RUA, 7 indivíduos do GC retomaram esse espaço e 8 do GE. A recriação do espaço CIDADE ocorreu em nenhum sujeito do GC e em 6 do GE.

A tabela abaixo apresentará a distribuição dos espaços mentais presentes ou não nos resumos dos 20 sujeitos envolvidos no experimento.

Como nossa intenção é comparar a retomada dos três principais espaços (RUA; CASA; CIDADE) nos resumos, atribuiremos o sinal + (positivo) para aqueles que retomaram os três espaços em seus resumos e o sinal - (negativo) para aqueles que não retomaram esses mesmos espaços.

Como podemos observar na tabela, dos 10 alunos do GC, nenhum deles recriou os espaços mentais relevantes do texto original em seu resumo; essa relação aumenta muito quando analisamos os resumos do GE, 06 dos 10 estudantes o fizeram. Portanto, a porcentagem de sujeitos que no GE recuperaram os EM mais relevantes em seu resumo é de 60% ao passo que isso não ocorreu nenhum dos casos no GC. Sendo que a única grande diferença existente entre esses dois grupos foi o treinamento nas estratégias de leitura, podemos concluir então que esse treinamento foi responsável por essa diferença significativa.

Tabela: Espaços Mentais Relevantes

	Nome	Espaços Mentais			Resultado	
		Rua	Casa	Cidade	Parcial	Total
Grupo de controle	Alessandra	X	X	-	-	0
	Adriana	X	X	-	-	
	Cristiane	X	X	-	-	
	Flávia	X	X	-	-	
	Karime	-	X	-	-	
	Leandra	X	X	-	-	
	Alcione	X	-	-	-	
	Claudia	X	X	-	-	
	Vanessa	-	X	-	-	
	M. Antônio	-	X	-	-	
Grupo Experimental	Isabela	X	X	-	-	6
	Luiz	-	X	-	-	
	Jussara	X	X	X	+	
	Carla	X	X	-	-	
	Ezequiel	X	X	X	+	
	Andréa	-	X	-	-	
	Márcia	X	X	X	+	
	J.Maurício	X	X	X	+	
	Shirlei	X	X	X	+	
	Adriana	X	X	X	+	

Considerações Finais

Esta pesquisa teve por objetivo investigar a leitura por meio da produção de resumos em estudantes universitários. A amostra contou com 20 alunos de língua francesa; 10 foram treinados em estratégias de leitura com textos em francês (GE) e 10 cursavam língua francesa sem se deter na habilidade da leitura (GC).

Partindo do pressuposto de que as estratégias utilizadas para se ler um texto em LE (francês) são as mesmas que aquelas utilizadas na leitura de um texto em LM (português), esperamos verificar um melhor resultado de leitura de um texto em LM nos estudantes do GE que naqueles do GC. A capacidade de leitura foi avaliada, como já dissemos, através dos resumos produzidos após a leitura desse texto.

O texto em questão foi por nós interpretado à luz da teoria dos Espaços Mentais, proposta por Fauconnier. Segundo essa vertente cognitivista dos estudos lingüísticos, os constituintes formais da língua não carregam o sentido; eles constituem pistas para a construção do sentido. Faz-se necessária a ativação dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) para que expressões lingüísticas desencadeiem a construção de espaços mentais. Esses domínios conceptuais vão sendo abertos, fechados e reativados ao longo do processo de interpretação do texto que está sendo lido. Faz-se necessário, portanto, conscientizar o leitor do papel que seu conhecimento prévio (por meio de MCIs) desempenha na tarefa da compreensão. É necessário também, por outro lado, que ele se oriente seletivamente através do texto a procura de expressões lingüísticas fornecedoras de pistas eficazes para a construção da representação do texto por meio dos espaços mentais relevantes.

Foram analisados, então, todos os 20 resumos em termo dos espaços mentais recriados. Em seguida, procedeu-se à comparação da representação dos resumo frente à representação do texto integral, procurando verificar a preservação dos principais espaços mentais abertos pelo texto nos diversos resumos realizados.

Procedendo dessa forma, pudemos constatar que nossas hipóteses foram confirmadas. Pudemos representar o significado global do texto de Corção por meio da configuração dinâmica de EM. Os resumos que preservaram o significado global desse texto mantiveram pelo menos os EM mais relevantes. Constatamos que de fato os resumos elaborados pelos alunos treinados nas estratégias de leitura preservaram o significado textual global com maior freqüência do que os resumos elaborados pelos alunos sem esse treinamento. A confirmação dessa hipóteses se dá diante dos resultados: 06 estudantes do GE preservaram os espaços relevantes, enquanto nenhum aluno do GC o fez. Esse resultado deve nos permitir afirmar aquilo que era também apenas uma hipótese: as estratégias de leitura em LE contribuem para o rastreamento da configuração dinâmica de EMs ativados por um texto que pode estar em LE ou, como foi o caso que nós testamos, em LM.

Esses resultados vêm estimular a realização de outros experimentos com textos diferentes e um número maior de sujeitos para que os dados obtidos possam ser amplamente generalizados.

Entretanto podemos, a partir desses resultados, validar o esforço pedagógico realizado nos cursos de leitura em LE (no nosso caso, Francês Instrumental) no sentido de treinar seus alunos nas estratégias de leitura sabendo que esse treinamento, além de lhes dar condições de ler em LE, pode além disso tornar mais produtivas suas leitura em LM.

Por fim queremos assinalar que a hipótese cognitivista dos EMs, ao relacionar aspectos lingüísticos (*space builders*, por ex.) com aspectos cognitivos (domínios cognitivos, por ex.) vem refinar a concepção de leitura hoje praticada

nos cursos de leitura em LE, a saber que o processamento da leitura ocorre do lingüístico para o cognitivo e inversamente, do cognitivo para o lingüístico.

Referências Bibliográficas

- FAUCONNIER, G. Quantification, Roles and Domains. In: ECO, U. et alii. *Meaning and mental representations*. Bloomington: Indiana University Press, 1988. p. 61-80.
- _____. *Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- _____. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FERRARI, L. V. *Postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem em construções condicionais no português do Brasil*. Projeto Integrado de Pesquisa (CNPq), biênio 1999/2001.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro. 7 jul. 1998. Caderno B.
- LAKOFF, G. *Woman, fire and dangerous things: What Categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- SALOMÃO, M. M. M. *Espaços mentais e a gramaticalização das representações espaço-temporais em português*. Juiz de Fora: UFJF, 1996.